

**ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NÃO PRESENCIAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 8º ANO**  
(Referente as aulas do dia 31/08 ao dia 18/09) ETAPA 9

**Orientações:** Após realizar a atividade preferencialmente entregar na escola, porém, se não for possível, deve ser enviada por whatsapp. Professora Samara 99919026.

**O conceito de Crônica deve ser colado no caderno, entregar somente os exercícios.**

**TEXTO DE APOIO – O QUE É UMA CRÔNICA?**

Veja a descrição do gênero textual crônica abaixo, ela foi retirada do Caderno do Professor que compõe o material para a preparação para a Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa de 2016:

*A palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) ou “chronos (latim), que significa “tempo”. Para os antigos romanos a palavra “chronica” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido ela foi usada nos países europeus.*

[...]

*Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos.*

[...]

*A crônica é um gênero que retrata os acontecimentos da vida em tom desprezioso, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido.*

Fonte: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/cronica/](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/cronica/)

Então, a crônica é um gênero que narra acontecimentos do cotidiano com linguagem simples para que o contato com o leitor seja mais intimista. As crônicas podem ser humorísticas ou mais sérias, podem conter críticas à sociedade, ao governo ou ao ser humano em si. Mas também podem conter reflexões que ajudam o leitor a compreenderem o mundo. O autor busca inspiração no cotidiano e por isso é um bom observador.

Leia o texto abaixo para responder às questões da página seguinte:

**A ÚLTIMA CRÔNICA – Fernando Sabino**

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um.

Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico.

Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica. Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos:

"Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

FERNANDES, Millôr. In *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

**Orientações:** Após realizar a atividade preferencialmente entregar na escola.

### **ATIVIDADES. ETAPA 9**

1. Quem são os personagens da história? Onde ela acontece? Qual é o foco narrativo?
2. No primeiro parágrafo, percebe-se que o cronista expõe o que ele chama de “os assuntos que merecem uma crônica” e que seriam características desse gênero. Quais são, de acordo com o 1º parágrafo, esses assuntos?
3. Sentado, tomando seu café, o que faz o cronista, ao perceber que está sem assunto para a crônica que precisa começar a escrever?
4. Por que o homem conta discretamente o dinheiro, antes de fazer seu pedido ao garçom?
5. No trecho “A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom.”, qual é o motivo da ansiedade da mãe?
6. Por que o garçom não aprovaria o pedido do pai?
7. Em determinado momento, o cronista olha para a menina com o bolo a sua frente e se pergunta porque ela não começa a comer. Percebe, então, que ela cumpre, com o pai e a mãe, um “discreto ritual”. Que ritual é esse?
8. O momento máximo de uma festa de aniversário é o contagiante momento de bater palmas e cantar a música em homenagem ao aniversariante. Como ele ocorre na festa da menina?
9. Que motivo levaria a família a agir com tanta discrição, dentro do botequim?
10. Observe que, ao longo do seu texto, o cronista escolhe fazer uso de palavras no diminutivo, para se referir à filha aniversariante: negrinha, arrumadinha, perninhas, animalzinho, menininha. Que efeito de sentido tem essa escolha, levando em conta o olhar do cronista para seus personagens?

#### **PRODUÇÃO TEXTUAL**

O texto “A última crônica” foi escrito há mais de 40 anos, mas retrata uma realidade não muito diferente da nossa, onde o preconceito e a discriminação ainda são muito presentes. Escreva um

COMENTÁRIO, de no mínimo 10 linhas, expondo o seu pensamento sobre o tema “A discriminação racial no Brasil” e cite exemplos de como isso ocorre: